

Fogo Cidade

Paula Alzugaray

Fantasia de rainha da bateria pega **fogo** no desfile em SP... A estudante Carina Zanqueta, de 14 anos, ficou ferida quando seu celular começou a pegar **fogo** no bolso da calça. O **fato** aconteceu na **cidade** de Araras... Sempre gostei da **cidade**. Por que um bando de estudantes franceses pode pôr **fogo** em tudo devido a um... Dirigente do Jihad nega cessar-**fogo**... Grupo islâmico intensifica ataques com foguetes contra Israel a partir da Faixa de Gaza... Beira-Mar planejava **explodir** três hotéis no Rio... Espectro dos **incêndios** nos subúrbios continua pairando sobre a França e sobre as sociedade pós-imigratórias europeias... De **fato**, são nessas manifestações que os moradores dos territórios e da **cidade** dramatizam sua polaridade, em um enfrentamento que não raro provoca mortes... Estudantes colocam **fogo** em boneco de Bejani, queimam pneus e invadem a Câmara... enquanto a **cidade** ficava parada por mais de uma hora... Caixas com produtos dinamarqueses e noruegueses são **incendiadas** por grupos de religiosos sunitas... Bomba na rua 25 de Março é classificada por ato terrorista pelo prefeito de São Paulo... O artefato foi produzido com um extintor de **incêndio** e pregos, foi detonado por volta das 16h e destruiu a lixeira... Marcelo **Cidade** apresenta uma série de trabalhos que apontam para o ... Em "**Fogo Fato**" o artista registra marcas de **fogo** deixadas por...

A pesquisa em site de busca da Internet a partir da combinação das palavras fogo, fato e cidade desenha o panorama dos conflitos dos últimos meses em todo o mundo. O que conecta virtualmente todos esses eventos é o espectro do incêndio e da destruição. Mas a origem da pesquisa é a série "Fogo-fato", de Marcelo Cidade, que esteve em exposição este mês na galeria Vermelho. O trabalho registra em fotografias marcas de fogo deixadas por manifestantes e mendigos nos muros das cidades e marcas de spray criadas pelo próprio artista. Foi feita entre as cidades de Paris e São Paulo, em novembro de 2005, época em que eclodiram as revoltas nas comunidades imigrantes habitantes dos subúrbios parisienses.

Cidade evoca, portanto, o fogo da violência urbana que aproxima a todos. Das facções do tráfico nas favelas cariocas à terceira geração de imigrantes árabes e africanos segregados nas periferias europeias: sempre revoltas alimentadas pela intolerância, pelo racismo e a desigualdade. O desentendimento, situação recorrente em seu trabalho, também está no vídeo "Quando não há diálogo" (2005).

Como indica o cientista social Miguel Chaia no texto da exposição, o artista lida com "as relações e as coisas no âmbito da desterritorialização, aguçando ainda mais o sentido universal da arte, neste tempo que aprofunda a globalização". Efetivamente, as marcas de tinta, carvão ou pólvora, detectadas por Cidade,

igualam Paris a São Paulo e a Bagdá. Seus fogos são, portanto, factíveis, referem-se a acontecimentos existentes e reais, registrados todos os dias nos jornais e na Internet.

Mas os fogos de Cidade são também indiciais. Fogos passados, que referem-se ao acontecimento que se deu num dado lugar, num dado momento, e que já se extinguiu, deixando só uma marca para contar a história. A ausência do acontecimento (e do sujeito responsável pela ação) na imagem fotográfica, aponta para a situação de opacidade social em que esses agentes estão imersos. Os “Fogos-fatos” são também fogos-fátuos, de inflamação espontânea e brilho efêmero. Como as políticas de integração social que ocasionalmente ocupam os discursos políticos.

Onde há fumaça, há fogo

No dia seguinte à explosão de uma bomba caseira na rua 25 de Março, véspera de Natal, o movimento comercial frustrou as expectativas. O momento da explosão não foi registrado. O que ficou para contar a história foi a imagem de uma rua esvaziada pelo susto e a suspeita de que a explosão tenha sido efetuada pela máfia do contrabando em retaliação às operações de combate à prática que a PF promoveu em diferentes centros populares de compras na cidade.

Pouco – talvez duas ou três semanas - antes desse evento, uma outra explosão no mesmo local não chamou a atenção da mídia. Ao contrário da bomba classificada de terrorista pelo então prefeito José Serra, esta teve autoria definida e foi devidamente documentada. A ação faz parte da série de fotografias “Rescue Smoke”, que a artista paulistana Camila Sposati desenvolve há três anos. De fato, trata-se mais precisamente de um “efeito” de explosão ou incêndio, produzido pelo acionamento de uma nuvem de fumaça colorida em local público. Em “Rescue Smoke – Purple”, de 2003, a fumaça de cor violeta criava um anteparo ficcional à realidade banal de uma rua qualquer da cidade. Em “Rescue Smoke – Green”, de dezembro de 2005, a fumaça verde invadiu um dos maiores centros de comércio informal da cidade de São Paulo, em plena época de compras de natal.

A fotografia de Camila Sposati registra um ato que poderia ser classificado pelo prefeito de São Paulo como “terrorismo artístico-ficcional em batalha contra o real”? Eventualmente. O fato é que na invasão verde ao centro comercial, Sposati subverte as convicções de quem seja a vítima e o agressor.

A mesma questão é levantada pela artista na obra “Armas de Fogo”, em exposição na galeria Leme a partir de 20 de abril. Trata-se aqui do registro fotográfico de uma batalha a ferro e fogo entre dois bonecos de platicina. Os poderes conciliatório e segregador do fogo são iluminados tanto pelas marcas de Cidade quanto pelos artifícios de Sposati.

